

Morador do DVO ocupa lote abandonado

Sheyla Leal

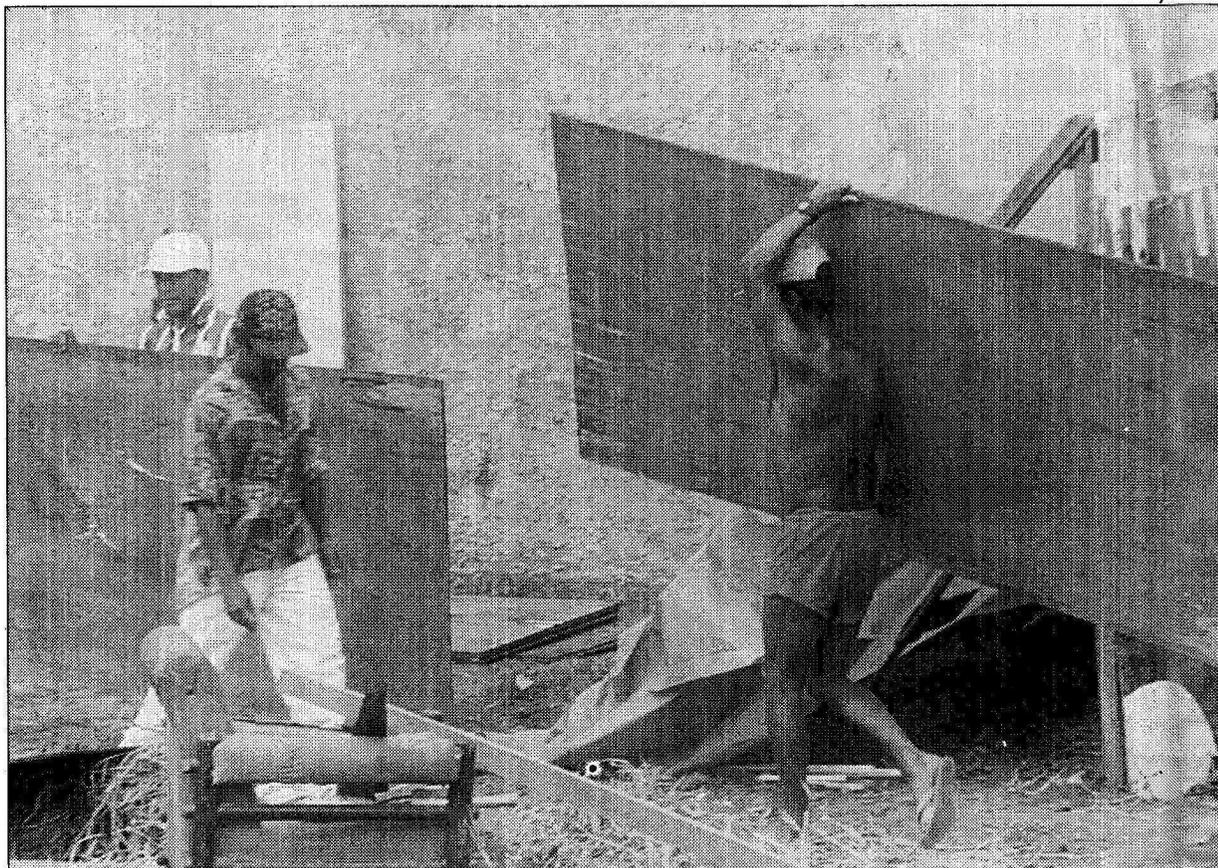
TAÍS BRAGA

Após mais de cinco anos de espera, os moradores antigos do assentamento do DVO, no Gama, decidiram invadir os lotes que ainda estavam vagos, para impedir que fossem ocupados por invasores vindos de outras localidades. No final de semana, até a polícia foi chamada para controlar a situação. Um grupo de moradores queixou-se do “descaso do governo”, que durante todo este tempo não tomou medidas para organizar a ocupação.

“Queremos o recadastramento das pessoas que moram aqui, para não acontecer o mesmo que ocorreu na sexta e no sábado, quando tivemos de mandar embora os invasores e ocupar os lotes. Se eles podem invadir, nós também podemos. Temos mais direito”, disse Vantuil Oliveira, morador do DVO. Ontem pela manhã, muita gente deixou de trabalhar para montar barracos nos lotes invadidos.

Abandonados - A dona de casa Nilma Ribeiro Cavalcante, 20 anos, nasceu e cresceu no DVO. Depois que casou, passou a morar na casa da sogra. Ela decidiu ocupar um lote próximo à casa de um irmão, depois de saber das tentativas de ocupação por parte de pessoas vindas de outras cidades. “Não saio daqui. Não tenho medo. Se a polícia vier me tirar, tem que tirar todo o mundo”, garantiu, com o filho no colo.

De acordo com um levantamento feito por Vantuil, 32 lotes estavam vagos. Esses, segundo os moradores, foram abandonados. “Tem gente que ganhou lote e nem sabe onde ele fica. Outros lotes são do governo”, explicou Vantuil. Os



Moradores alegam que a ocupação é para impedir que os lotes sejam invadidos por pessoas de outras áreas

moradores lembraram que existe um compromisso do governo anterior de destinar os lotes vagos ao assentamento dos filhos nascidos no DVO.

Apesar dos cerca de 700 lotes não estarem regularizados, os moradores vinham respeitando os espaços vazios, na esperança de uma definição tanto por parte da Administração Regional do Gama, quanto pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito

Federal (Idhab). Os lotes do DVO têm em média 600 metros quadrados. Vantuil alertou para casos em que o invasor chegou até a plantar bananeiras com cachos formados para despistar a fiscalização. “Eles alegam que estão há muito tempo no lote. Tanto que as frutas já cresceram”, informou.

O agente social Ronaldo Vieira, 28 anos, funcionário do Centro de Atendimento Juvenil Especializado

(Caje), deixou de comparecer ao trabalho para construir um barraco de madeirite em um dos lotes abandonados. “Há cinco anos que este lote está vazio. Antes que alguém de fora venha para cá, decidi ocupar o lugar”, explicou. Morando na casa do sogro, o agente social disse que não tem condições financeiras para pagar aluguel. “A polícia não pode me tirar daqui. Antes, tem de tirar muita gente que tem até casa de alvenaria”.